

# Da covid à emergência climática: nosso contexto de crises e incertezas



## Bruno Mações

Apresentada em 10 de novembro de 2021, na 7ª Semana de inovação: Ousar Transformar.



**Moderador da palestra:**  
Oliver Stuenkel

**Resumo da palestra:** Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos a alguns insights de seu último livro, “Geopolitics for the End of Time” (“Geopolítica para o fim dos tempos”). Além disso, Mações falará sobre a pandemia, suas consequências geopolíticas e as estratégias de enfrentamento da mesma.

**Palavras-chave:** Pandemia; Estratégias pós-pandemia; Geopolítica; Autonomia Estratégica; Emergência climática.



**OLIVER:** Seja muito bem-vindo à Semana de Inovação 2021, Bruno Mações. É um grande prazer tê-lo aqui conosco. Será um prazer ouvir suas reflexões.



**BRUNO:** Bom dia! É um prazer estar aqui. É um prazer poder falar em português sobre algumas das grandes questões globais. E é um prazer partilhar esta sessão contigo, Oliver. Sou um grande admirador do seu trabalho, mas nunca nos encontramos. Então, é um prazer encontrá-lo virtualmente.

Eu quero falar um pouco sobre as consequências geopolíticas e estratégicas da pandemia. É o tema do meu livro mais recente, publicado há um ou dois meses. Vamos começar do início: “Como nós experienciamos a pandemia?”. No meu caso, em particular, a certa altura começou a parecer que era algo semelhante a viajar no espaço. Nós todos tivemos que recorrer às nossas cápsulas, às nossas naves espaciais, por assim dizer, pois o nosso contato com o exterior teve que ser reduzido drasticamente. Em muitos casos, como na Europa, nos Estados Unidos, no Brasil, na Índia, na Rússia, os confinamentos foram tão estritos, que o nosso contato com o exterior se dava, em sua maioria, através de plataformas, como a que estamos usando agora. O que era parecido também com viajar numa nave espacial. E, pareceu-me que era quase um anúncio da nossa entrada na era espacial.

Por que é que tivemos este sentimento? Porque, subitamente, a natureza à nossa volta, o ambiente natural, tornou-se hostil, agressivo, impróprio para habitação ou habitat humano. Desse ponto de vista, foi simultaneamente o regresso a um passado mais ou menos distante, em que os seres humanos tinham que combater um ambiente necessariamente hostil, agressivo e perigoso para a sua vida. Mas também, foi uma projeção para um futuro em que teremos, mais uma vez na idade espacial, de nos aventurar por ambientes que ainda não estão domesticados, que ainda não estão controlados.

Portanto, para mim, começou a parecer que as últimas décadas, talvez os últimos séculos, são, desse ponto de vista, um interregno (“período de transição”), pelo menos no mundo ocidental. É importante apontar que há um contraste importante entre o mundo ocidental e o mundo em desenvolvimento. Nesse sentido, pelo menos no mundo ocidental, a ideia central era de que nós já tínhamos conquistado a natureza de um modo permanente e definitivo.

No entanto, a pandemia foi uma experiência humilhante para ocidentais - para a Europa e os Estados Unidos, em particular - porque nos enviou de volta a um mundo em que estamos ainda profundamente vulneráveis, em que nos sentimos fracos e impotentes perante um ambiente natural, que é capaz de destruir os nossos planos de um dia para o outro. Por exemplo, os casamentos foram cancelados. Vidas profissionais foram alteradas. Famílias deixaram de ver.

Desse ponto de vista, a reação social ao vírus foi algo que excedeu em muito o que podíamos esperar, em relação ao nosso sentimento de rotina. Portanto, foi uma nova entrada no mundo, o qual achávamos já não conhecer, e que achávamos já não ser possível. A questão que se coloca, a partir deste ponto de vista, é: Quais são as consequências políticas e estratégicas, se levarmos a sério a ideia de que o mundo natural que nos rodeia já não é o mesmo das últimas décadas ou dos últimos dois séculos?

E, sobretudo, se levarmos a sério a ideia de que as promessas que foram feitas, de que seríamos capazes de domesticar e controlar as forças naturais de uma vez por todas, começam a parecer utópicas e irrealistas. Em particular porque nós sabemos que a pandemia foi uma espécie de ensaio geral para o que é a crise climática e a emergência climática. Muitos dos fenômenos que vimos durante a pandemia vão ser fenômenos que vão regressar, de um modo ou de outro, nas próximas décadas, durante a emergência climática.

Então, quais são as consequências disto para os Estados? Em primeiro lugar, eu diria que a pandemia nos ensinou algumas lições importantes sobre o que será, do meu ponto de vista, a emergência climática.

E, ainda, que todas aquelas ideias de cooperação e multilateralismo em situações de crises globais se revelaram, na verdade, frágeis, inexistentes e completamente desligadas da realidade.

Quando eu era político em Portugal, muitas vezes quando tínhamos dificuldades num comunicado da União Europeia, por exemplo, para falar das relações com a Rússia, usava-se muito o recurso de falar de uma possível pandemia no futuro, como uma situação em que a colaboração seria natural, evidente e fácil. Porém, isto se revelou completamente falso. Pois, a pandemia nos mostrou que a cooperação e a colaboração entre os Estados não foi fácil e não foi natural. Pelo contrário, a pandemia tornou-se uma arena de competição intensa e aguda entre Estados. Eu não acredito que isso seja só uma razão ligada à irresponsabilidade dos políticos ou dos dirigentes políticos. Foi uma atitude mental comum a dirigentes políticos e aos órgãos públicos.

Nós vimos, por exemplo, que o Financial Times, nos primeiros dias da pandemia, criou uma espécie de ranking, no qual podíamos comparar o nosso país com os outros países. O título era (e ainda está disponível): “How your country compares” (“Como seu país se compara”). Assim, o exercício acabou por tornar-se muito viciante para todos nós. Isto é, ver qual o país que estava desempenhando o melhor papel, qual o país que estava no fim da tabela.

Em outras palavras, isto tornou-se uma espécie de competição desportiva de bastante mau gosto, desse ponto de vista. Mas, rapidamente se tornou quase óbvio e natural para todos nós. Isto se perdurou ao longo da primeira fase da pandemia, antes das vacinas. E depois se prolongou também durante o período de vacinação, em particular na Europa.

Houve uma competição intensa entre, por exemplo, a União Europeia e o Reino Unido, para ver quem apresentava aos seus eleitores melhores resultados, com relação a conseguir vacinas disponíveis. E, em muitos casos, houve até um certo regozijo, quando nosso competidor direto falhava ou não obtinha resultados.

Dessa forma, a cooperação foi essencialmente inexistente. E, o que vimos, foi uma competição intensa. Porém, na verdade, não era uma competição direta entre os Estados, mas, sim, uma competição que, no meu ponto de vista, quase se assemelhou a um jogo, porque os vários Estados estavam empenhados em desempenhar um papel ou em desenvolver determinados desafios e tarefas de controle do ambiente, da natureza e das ameaças deste novo ambiente agressivo e hostil.

Portanto, há uma espécie de ranking para saber quais são os Estados que desempenham esta tarefa e respondem a estes desafios melhor do que os seus competidores, algo muito parecido com o jogo. Na verdade, o jogo é também uma competição em que os dois competidores, ou os três, ou os vários competidores, tentam desempenhar uma determinada tarefa melhor do que os outros.

Nesse sentido, será que isto nos anuncia o que será, no futuro, a resposta à emergência climática? Então, é fácil fazer analogias que são preocupantes, mas que me parecem muito pertinentes. Do mesmo modo que vimos durante a pandemia uma certa tentativa de se beneficiar do fracasso alheio - por exemplo, atraindo redes de valor e de produção para um país que estivesse desempenhando melhor a tarefa de combater a pandemia - portanto, é inteiramente possível que, no futuro, determinadas regiões em determinados países, se conseguirem combater as alterações climáticas melhor do que seus rivais, possam atrair talento, profissionais qualificados, empresas e redes de valor.

Por exemplo, se uma cidade como Singapura se revelar capaz de combater as alterações climáticas através de transformação da cidade, como ar condicionado e transportes públicos adequados a uma nova era de alterações climáticas, então é possível imaginar que talentos, capitais e redes de valor se desloquem de outros sítios para Dirrã, por exemplo.

Dessa forma, eu acho que é fácil pensar neste cenário como sendo uma espécie de réplica do que aconteceu durante a pandemia. E de um modo mais radical, agora, fazendo uma analogia com a fase das vacinas, é possível imaginar também que determinados países tentem controlar tecnologias críticas para responder à emergência climática.

A verdade é que nós vimos, no passado, que há uma correspondência bastante direta entre novos paradigmas energéticos e a emergência de novos superpoderes. Na verdade, eu gostaria de chamar a atenção da audiência para esta notável coincidência: nem o Reino Unido nem os Estados Unidos nos séculos XIX e XX se tornaram as potências dominantes através de guerras mundiais. Os Estados Unidos já eram a potência econômica dominante mesmo antes da Primeira Guerra Mundial e antes da Segunda.

Parece, para mim, que o fator determinante foi o surgimento, quer na primeira revolução industrial, quer na segunda revolução industrial, de um paradigma energético e econômico completamente novo, que foi baseado na energia a vapor e no carvão - no caso da Inglaterra e no Reino Unido - e, depois, na eletricidade e na energia fóssil - no caso da segunda revolução industrial e do surgimento dos Estados Unidos como potência econômica dominante. Assim, é fácil imaginar - e é algo que eu verifiquei, falando com oficiais na China, no tempo em que eu vivi em Pequim - que a China pense em uma terceira revolução energética industrial, na qual as energias verdes substituem as energias hoje dominantes. E, que isto seja a oportunidade, mais do que uma guerra global, para a China se transformar na nova superpotência global.

Portanto, temos que pensar cada vez mais na emergência climática, não como um momento em que os Estados vão se reunir e colaborar para resolver o problema, mas, na verdade, para o bem e para o mal, pois será um momento de intensa competição geoestratégica.

E eu digo para o bem ou para o mal porque, evidentemente, nós esperaríamos algo diferente... e não deixa de ser uma desilusão verificar que, até os momentos de crise da nossa espécie, em geral, serão aproveitados como um momento de competição.

Portanto, eu espero mais da China e dos Estados Unidos, a partir do momento em que as lideranças percebam que está em questão o poder global, em relação a como foi tratada até hoje a questão climática: como uma questão moral e de responsabilidade moral. E, eu acho que, enquanto for uma questão de responsabilidade moral, e não uma questão de poder, os resultados serão menos impressionantes. Receio dizer, mas parece-me que é a realidade.

Finalmente, os comentários finais são relativos ao modo como os Estados têm reagido durante a pandemia e vão reagir no futuro a esta nova situação. Assim, em vez de termos um esquema em que os Estados se digladiam diretamente entre si e, em que as relações dominantes são as relações entre Estados, o que nós temos hoje é um esquema em que devemos incluir relações com esta nova natureza hostil e agressiva, e com o meio ambiente, que tem de ser controlado e domesticado de novo.

Portanto, o que é que vemos até hoje? Vemos uma preocupação muito maior do que antes da pandemia, com uma ideia de Autonomia Estratégica. Além disso, a globalização não está chegando ao fim, uma vez que não vemos sequer uma redução do comércio mundial. Porém, ela está sendo substituída por um novo modelo de globalização, não uma globalização em piloto automático, mas uma globalização em que o poder dos Estados é também importante.

E, em que, os Estados, estando integrados entre si, num mesmo sistema global, estão em permanente competição e têm que se preocupar com a acumulação de poder e com a Autonomia Estratégica para enfrentar essa competição. Nesse sentido, o que temos visto é, na verdade, uma série de desenvolvimentos acontecendo em paralelo, na China, nos Estados Unidos e na União Europeia, que apontam no mesmo sentido. Assim, na União Europeia, nós falamos muito em Autonomia Estratégica nas questões de segurança e defesa, mas, sobretudo nas questões econômicas.

Diante disto, há uma série de novos instrumentos econômicos, que estão sendo desenvolvidos para que a União Europeia seja mais resiliente e mais autônoma nas suas relações econômicas, que envolvem limitações ao comércio global, privilegiar agentes econômicos europeus em detrimento de outros, a realização de acordos comerciais com parceiros estratégicos, as questões de energia e de segurança energética e muitas outras questões. Todas elas englobadas sob o título de Autonomia Estratégica.

Curiosamente, nós vemos o mesmo desenvolvimento na China e nos Estados Unidos. Sendo que, na China, a etiqueta ou nome dado a estes instrumentos, desde o ano passado, é a ideia de Circulação Dual ou Circulação Dupla. O que significa a Circulação Dupla? Significa que há, na verdade, duas economias separadas, uma economia doméstica e uma economia global. Portanto, elas não obedecem às mesmas regras.

De acordo com o Partido Comunista Chinês, a economia global tem que estar sujeita ao poder dos Estados e à estratégia dos Estados e, só assim, a economia poderá prosperar. Enquanto que, na esfera doméstica, regras imparciais e regras de mercado podem ser adotadas. Ademais, há um enorme ceticismo em Pequim quanto a esta ideia. No entanto, o que na verdade é dominante, é a ideia de que, na economia global, os Estados competem diretamente entre si.

Além disso, a ideia de capitalismo de Estado tem muito a ver com isto também. Ou seja, com a ideia de que não há regras imparciais na economia global, pois há uma competição econômica entre Estados. Assim, nos Estados Unidos, também vemos os mesmos desenvolvimentos. Por exemplo, a US Trade Representative (“Representante Comercial dos EUA”), Katherine Tai, que, na sua audiência inicial no Congresso, em resposta a uma pergunta direta, se ela ainda acreditava em acordos de comércio como modo de criar comércio livre a nível global, ela respondeu que, há alguns anos, acreditava... entretanto, hoje, já não acredita. O que me apareceu na altura, uma revelação bastante importante, além de ser um símbolo de que há algo diferente na atitude americana, quanto ao comércio global.

E desde então, temos visto uma série de desenvolvimentos importantes, que nos Estados Unidos são normalmente agrupados com o nome de Resiliência das Cadeias de Fornecimento Global ou das Cadeias de Valor Global.

Consequentemente, é por isso que temos desenvolvimentos semelhantes na Europa, na China e nos Estados Unidos, embora os nomes sejam, muitas vezes, diferentes. Eu acho até que o nome europeu, Autonomia Estratégica, é o mais geral e mais fácil de entender. Mas, os desenvolvimentos acontecem em todos os grandes agentes econômicos. Ademais, ao mesmo tempo que não teremos o fim do capitalismo, não teremos o fim de sua composição, porém teremos uma nova forma de capitalismo, que é um capitalismo mais direcionado.

Eu diria, um capitalismo que é direcionado para o aumento do poder nacional e para o controle sobre o nosso ambiente natural e sobre as ameaças que daí resultam, além de ser um capitalismo mais tecnológico, porque é esse o objetivo, o controle sobre o ambiente. E também, um capitalismo que, mais uma vez, já não obedece àquele modelo de regras automáticas do capitalismo ou uma globalização em piloto automático.

No entanto, o modelo político e econômico que ainda está em vigência em Portugal, e eu imagino que, certamente, no Brasil também, nós, muitas vezes, chamamos de neoliberalismo, que, na verdade, entendemos como esse capitalismo em piloto automático, sujeito a regras mais ou menos automáticas. Mas, me parece claro que esse entendimento do capitalismo está, de fato, em crise, e está sendo substituído por um capitalismo em que o funcionamento de regras de mercado não é o fim último, mas é um meio para outros tipos de fins.

Vemos isso claramente na China, em que essas regras de mercado são utilizadas para um fim último, que é o engrandecimento e o rejuvenescimento da sociedade e do Estado chineses.

O segundo ponto é para terminar. Assim, das consequências da pandemia, algo que me parece claro é a questão da tecnologia. Ou seja, resumindo, eu vejo duas grandes consequências estratégicas da pandemia: primeiro, o desenvolvimento de um certo entendimento de Autonomia Estratégica, de suficiência nacional, de poder dos Estados sobre a economia, sobre o capitalismo e sobre a globalização. Essa é a primeira consequência estratégica que muito claramente foi resultado da pandemia. E, no caso da China, nós vemos até, se quisermos investigar com cuidado, a nova estratégia de Economia Dupla ou Economia Dual.

No primeiro discurso em que Xi Jinping desenvolveu esta nova estratégia, ele a ligou diretamente à pandemia. Notadamente, o discurso foi muito construído em termos de “a pandemia mostrou-nos ‘X’. Logo, daqui resulta um novo entendimento econômico, a que chamamos de Economia Dupla”. Portanto, talvez, o caso China, seja aquele em que a ligação entre a pandemia e novas ideias econômicas é mais clara. Mas, acontece também nos Estados Unidos e na União Europeia... Então, a primeira consequência da pandemia é este novo desenvolvimento do entendimento da Autonomia Estratégica.

A segunda consequência acontece, parece-me, ao nível do nosso entendimento sobre a tecnologia. Eu tenho falado, e falo no meu livro, de uma nova aceleração tecnológica. Isto é, esta aceleração foi uma resposta direta a certas ideias defendidas por um grupo de autores nos Estados Unidos, entre os quais, Tara Coen, Peter Thiel and Robert J. Gordon, que defenderam, há uma década atrás, por volta de 2010, a ideia de que nós tínhamos entrado numa estagnação tecnológica, com reflexos em uma estagnação econômica, que tinha sua origem numa estagnação tecnológica.

E a verdade é que os desenvolvimentos tecnológicos que temos visto me parecem claramente que são desenvolvimentos tecnológicos de reduzido impacto, quando comparados com os desenvolvimentos tecnológicos, no resto do século XX, por exemplo. Diante disto, Robert J. Gordon gostava de perguntar aos seus alunos, em suas palestras, se eles preferiam ter um smartphone ou se preferiam ter água canalizada em casa.

E quase sempre a resposta era a mesma, todos preferiam ter água canalizada em casa do que ter um smartphone. Então, Robert J. Gordon concluiu, a partir disso, que, ao analisar os grandes desenvolvimentos tecnológicos entre 1980 e 2020, o smartphone não era tão impressionante assim, especialmente quando comparado ao longo do tempo, numa escala temporal maior, com outras invenções anteriores.

Portanto, me parece que a pandemia, apesar de não ser a única causa, evidentemente, tem propiciado um novo entendimento da tecnologia e uma aceleração tecnológica que nós, na verdade, já vemos. Basta olhar para as notícias diárias nos jornais, para perceber que algo está acontecendo. Acho que a pandemia nos mostrou que nós temos que ter um entendimento diferente da tecnologia. Além disso, ela mostrou também como as vacinas, bem como seu desenvolvimento rápido, foram absolutamente críticos para impedir uma crise política, social e econômica extremamente profunda e de consequências imprevisíveis a nível global.

E, nos Estados Unidos, certamente. E por isso, temos de pensar cada vez mais na tecnologia, não como resposta a problemas que já existem, mas como resposta a problemas potenciais. Ademais, temos de desenvolver respostas tecnológicas para problemas que, em muitos casos, não conseguimos antecipar ou imaginar. Portanto, este é um entendimento fundamentalmente diferente da tecnologia, pois implica em implica uma certa aceleração deliberada do desenvolvimento tecnológico.

Uma vez que sabemos que não vivemos, como eu mencionei no início da minha fala, nessa natureza plácida, pacífica e domesticada em que acreditávamos viver... e eu, quando digo acreditávamos, falo mais sobre o Ocidente, porque em sítios como África ou Índia, na verdade, esse entendimento da natureza, como algo plácido e inocente, nunca tinha sido verdadeiramente adotado.

Para finalizar, podemos ver esta aceleração tecnológica na biomedicina, por exemplo, em que há desenvolvimentos impressionantes em várias áreas, como é o caso das vacinas contra a malária, mas também em áreas como anti-envelhecimento, dentre outras. Além disso, vimos, inclusive na energia, com propostas bastante impressionantes, por exemplo, na área da fusão nuclear.

Vemos isso no caso da exploração espacial, na qual, pela primeira vez desde 1969, temos, novamente, um certo entusiasmo pelo que pode acontecer nas próximas décadas. Talvez com uma viagem tripulada a Marte... Ademais, temos as criptomoedas e o desenvolvimento de um novo entendimento da internet como o Web Three, que é, de fato, uma revolução radical no nosso conhecimento da internet.

Vemos ainda, mais recentemente, o desenvolvimento do Metaverso, que é de fato uma revolução radical no modo como nos relacionamos com o mundo. Portanto, eu acredito que, possivelmente no futuro, recordaremos da pandemia como o início de uma era de fundamental aceleração tecnológica.

Então, eu chamaria apenas a atenção de que esta aceleração tecnológica está seriamente ligada ao primeiro ponto que eu desenvolvi.

Os dois pontos estão bem relacionados, porque viver no planeta Terra, com uma temperatura de 2 graus, ou 2,7 graus, ou ainda 3 graus superior à média pré industrial, será comparável a deixar o planeta que conhecemos ao longo dos últimos dez milênios e, na verdade, viver ou aterrar num planeta completamente novo e imprevisível, hostil e com o qual teremos que lidar. Muito obrigado a todos! Eu acredito que teremos agora um período para debate, perguntas e respostas.



**OLIVER:** Muito obrigado, Bruno! Teremos bastantes desafios pela frente, pelo que vimos! Muito obrigado pelos insights e provocações! Enfim, temos muitas perguntas. Obrigado a todos aqueles que enviaram perguntas e também já votaram nas perguntas. Espero poder fazer a maioria delas, enquanto temos o Bruno conosco.

A primeira pergunta que eu gostaria de fazer é: “Como você avalia o confronto que virá entre as duas superpotências, os Estados Unidos e a China?”. Porque, no século XX, não foi apenas uma situação de tensão militar, mas também, um confronto de ideias, do capitalismo contra o comunismo. “Agora, vamos ter algum tipo de confronto de ideias também? Ou será mais simplesmente, uma briga pelo poder?”.



**BRUNO:** Eu acredito que, muito claramente, teremos um confronto de ideias. A China tem um certo modelo de organização da sociedade que é diferente do mundo ocidental, apesar de não ser tão rígido, nem tão ideológico como o soviético, o que eu julgo ser uma vantagem que a China tem, quando queremos fazer uma comparação com a União Soviética, uma vez que muitas das ideias que vêm sendo desenvolvidas por intelectuais chineses e por oficiais do partido estão ainda um pouco em ebulição e em desenvolvimento.

E há debates internos que não são públicos, mas que existem, sobre esse modelo de organização da sociedade chinesa. Mas já há ideias bastante claras sobre essas diferenças. Há uma ênfase muito maior sobre os direitos econômicos, além de uma ênfase muito maior sobre a relação entre o coletivo e o individual, isto é, a ideia de que o indivíduo tem, em última análise, de se encaixar a um certo coletivo. Ademais, há um enfoque muito maior e muito mais forte sobre a indústria, e sobre o controle da natureza sobre a infraestrutura. Há ainda, uma desconfiança muito grande sobre a internet do entretenimento, além de uma forte crença sobre os benefícios do diferente acesso à informação no modelo chinês. Assim, certas partes do partido e do Estado têm acesso a toda a informação, enquanto que, outras partes, têm acesso limitado à informação. Portanto, a transparência não é vista como um valor.

Em resumo, eles possuem uma certa constelação de valores que foi, na verdade, posta agressivamente em utilização durante a pandemia. Inclusive, nós assistimos a diplomatas chineses apontando para a situação nos Estados Unidos, com a tentativa de argumentar que o que aconteceu nos Estados Unidos durante o pandemia mostra que o modelo chinês é superior, porque obtém melhores resultados devido ao seu poder concentrado, sua capacidade de tomar decisões, e por haver uma noção de um dever coletivo de seguir essas decisões. Por fim, tudo isso sem ser o modelo soviético, apesar de que, evidentemente, não me parece que seja tampouco o modelo ocidental, nem que haja sequer na China, o objetivo de se converter no modelo ocidental.

Portanto, entramos, me parece, numa rivalidade de modelos e de ideias que, mesmo sendo diferente da Guerra Fria, têm na verdade, este aspecto também. Então, não é puramente uma rivalidade econômica, do meu ponto de vista.



**OLIVER:** Uma pergunta excelente que alguém fez, e que foi bastante votada, foi sobre o fato dos países, cada vez mais, adotarem uma mentalidade mais autocentrada, mais competitiva, ou seja, parece que haverá cada vez menos espaço para a cooperação. Nessa situação, então: “Como estabelecer espaços para a cooperação?” e “Será que terceiros países como o Brasil, por exemplo, podem manter algum grau de neutralidade e ter boas relações tanto com os Estados Unidos e a Europa, mas também com a China?” ou “Eles serão obrigados a escolher um lado em algum momento?”. Eu acho que esta é uma pergunta que muitos países do Sul Global estão se fazendo.



**BRUNO:** Esta talvez seja a pergunta que recebo mais vezes, quando visito outros países. Tanto antes da pandemia, quanto agora, nas viagens que estão começando. Por exemplo, é uma pergunta que se ouve muito em Singapura. E, de fato, é uma pergunta fundamental em Singapura, nesta altura.

Além disso, é uma pergunta que se ouve muito no Cazaquistão, e também, curiosamente, na Suíça, apesar deste país não pertencer à NATO ou OTAN - como se diz em Portugal - mas que é um país bastante ligado ao Ocidente e que tem um tratado comercial com a China. Ademais, imagino que, de fato, seja uma pergunta também muito feita no Brasil. Então, qual é a minha resposta normalmente? Eu acredito que cometeríamos um erro se pensássemos no modelo da Guerra Fria, entre o Ocidente e a União Soviética. Nesse caso, houve um alinhamento muito completo com um dos blocos, sendo que o bloco não alinhado nunca foi particularmente influente ou poderoso.

E ainda, havia uma pressão enorme para países se alinharem com um lado ou com outro. No entanto, eu não vejo o mesmo acontecer a esta altura, e parece-me que as diferenças são óbvias, pois, no caso da Guerra Fria, muitos países estavam saindo de um período de colonização. Portanto, as suas estruturas ainda eram débeis e não era possível sequer pensar numa ideia de gozarem de um nível de autonomia e de independência face aos grandes blocos.

Por outro lado, esse não é o caso agora do todo. Os poderes, tanto dos Estados Unidos, quanto da China, estão muito mais diluídos numa ordem em que outros poderes são também relevantes. Dessa forma, não me parece que seja possível à China, ou aos Estados Unidos, organizarem o mundo em dois blocos. Eu acredito que, o máximo que a China e os Estados Unidos podem fazer, o que eles aspiram, ou seja, sua ambição, na verdade, em muitos casos, é impedir que determinados países estratégicos sejam controlados pelo seu rival.

Nesse sentido, será muito importante, quer para a China, quer para os Estados Unidos, que Singapura, por exemplo, não esteja inteiramente alinhado com apenas um dos lados. Da mesma forma, será importante para os Estados Unidos e para a China que o Brasil não esteja inteiramente alinhado com um dos lados. E, se for essa a atitude, quer seja dos Estados Unidos, quer seja na China, eu acredito que isso abrirá um enorme espaço para que os países se tornem verdadeiramente autônomos, pois conseguirão, desse modo, satisfazer as prioridades essenciais, tanto de Washington, quanto de Pequim.

Temos visto isso muito no caso de países europeus, que têm feito esta escolha deliberadamente e de um modo democrático. Mas, noutros casos, eu não vou falar especificamente sobre qual será a orientação no Brasil, mas noutros casos, haverá muito mais interesse em manter um nível elevado de Autonomia Estratégica.

O caso do Brasil parece semelhante ao caso da Índia. Nomeadamente, o desenvolvimento de um poder regional sólido, consolidado e que passa, evidentemente, por um certo nível de Autonomia Estratégica.

Nesse sentido, o Brasil tradicionalmente tem essa capacidade na área econômica, na área política, e também na área cultural. Apesar de não ter, tradicionalmente, essa capacidade na área militar. Mas, também, não tem esta necessidade. E, por isso, parece-me que, se for essa a escolha dos brasileiros, que esse modelo está muito em aberto para os países que queiram escolher.



**OLIVER:** Bom, temos alguma esperança diante desse quadro bastante desafiador. Me parece sempre interessante, também, notar que o país está neste processo de se adaptar a esse mundo mais multipolar, diante de uma realidade que a gente não conhece tão bem a Ásia ainda, então, teremos que adquirir muito mais conhecimento sobre os atores mais tradicionais, e este será um processo longo que teremos pela frente.

Temos várias excelentes perguntas, e uma que eu gosto, particularmente, é sobre o processo de adaptação ao mundo pós-pandemia. Estamos agora nesse processo de volta ao trabalho presencial... então, há um debate muito complexo e interessante entre necessidades, liberdades individuais e responsabilidades públicas. Alguns países conseguem se adaptar relativamente bem, outros menos. Portanto, existe um perigo imenso de um maior abismo social ou de mais desigualdade, tanto dentro dos países, como também entre países nesse mundo pós-pandemia, já que alguns países em desenvolvimento, por exemplo, terão muito mais dificuldade em se adaptar a essa nova situação, enquanto que alguns países saem-se muito melhor. Então, eu te pergunto: “Qual é a sua expectativa com relação a isto? Você acredita que a desigualdade vai aumentar neste contexto?”



**BRUNO:** A desigualdade tem aumentado dentro dos países e eu acredito que essa aceleração tecnológica de que eu falava tem, evidentemente, toda a capacidade para aumentar a desigualdade dentro dos países, uma vez que nós sabemos que o desenvolvimento tecnológico rápido tende a aumentar a desigualdade. É justamente isso que eu acho que vai acontecer. A nível global, talvez menos do que esperávamos. Por exemplo, no início da epidemia, havia uma enorme preocupação sobre as consequências para o mundo em desenvolvimento, em particular para África.

Por outro lado, havia uma enorme complacência sobre as consequências da pandemia para o mundo desenvolvido Ocidental. E um dos choques foi verificar que, na verdade, o mundo Ocidental não estava de todo preparado. Em larga medida, porque o mundo Ocidental nunca se convenceu de que a pandemia poderia ser um problema.

Por exemplo, eu tenho uma memória muito vívida de que até março ou abril de 2020, a ideia na Europa era de que isto acontecia na China e no Irã, e que era muito trágico, mas que isso jamais aconteceria na Europa. Portanto, houve uma enorme complacência e também, o que eu acredito que seja o mais importante, houve subitamente a descoberta de que as nossas estruturas do mundo Ocidental são extremamente rígidas e de difícil adaptação.

Em contrapartida, vimos, curiosamente, que países em desenvolvimento foram capazes de se adaptar mais rapidamente à pandemia. Porque as suas sociedades e os seus Estados são mais recentes, tendo ainda a sua flexibilidade das origens. Ou mesmo devido, na verdade, particularmente na África, ao fato de que uma experiência, como a da pandemia, não era algo novo naquela região.

Ou seja, o cenário de estar permanentemente sujeito à incerteza de uma doença ou de uma catástrofe natural é algo recorrente naquele continente. Por isso, essas sociedades, em muitos casos, tiveram uma resiliência maior.

Os casos verdadeiramente referenciais de sucesso no enfrentamento da pandemia, curiosamente, foram sociedades democráticas, que não foram criadas há muitas décadas. Nomeadamente, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, com os seus elementos democráticos, embora Singapura não seja uma democracia.

Mas, estas são sociedades em que ainda é possível se adaptar e reagir rapidamente. E, além disso, onde não existe uma consolidação excessiva e nem uma rigidez excessiva das estruturas sociais e do Estado.

Para responder rapidamente à sua pergunta, Oliver: isso mostra que muitas das nossas convicções estavam erradas sobre as consequências a nível da distribuição global de poder. Ademais, me parece muito mais possível hoje, que a pandemia tenha até acelerado uma certa redistribuição de poder a nível global. Ao contrário do que achávamos no princípio.



**OLIVER:** Temos ainda muitas perguntas, mas, infelizmente não temos mais tempo. Foi realmente um privilégio contar com as perguntas dos participantes. E também com você, Bruno. Muito obrigado! Será um prazer continuar essa discussão. E eu desejo a todos vocês que desfrutem dos debates, nos próximos dias, na Semana de Inovação 2021. Muito obrigado!

